

Batinas reacionárias e a cruzada digital: Quando um catolicismo claudicante chega ao tempo presente

Reactionary cassocks and the digital crusades:
When a limping catholicism arrives to the present time

Emerson José Sena da Silveira^{1*}

 <https://doi.org/10.29327/256659.13.2-4>

Resumo: na história do tempo presente, o processo de virtualização da vida, por meio das redes sociais, envolve a totalidade da vida social e, nela, uma forma reacionária-clerical do catolicismo. O mundo digital foi de promessa utópica de liberdade e igualdade à terra selvagem do algoritmo. Nesse ambiente, indago sobre os significados da ação tradicionalista católica nas redes, especialmente no YouTube. Lanço a hipótese de que a ressurgência reacionária nas plataformas digitais se dá, dentre muitas causas, como resultado da re-inscrição de seu *modus vivendi* em um duplo contexto, um social-econômico (capitalismo financeiro), outro, político-cultural (subjetividade maquínica). Partindo de uma amostra qualitativa de três canais-personagens católicos e oito vídeos, que foram escolhidos pelo crivo do método interpretativo-crítico e típico-ideal, analiso os signos da “cruzada” digital empreendida pelo catolicismo clerical-reacionário. No contexto do capitalismo financeiro, como modo de organização da vida e comunicação total, a inflação semiótica e a deflação semântica envolvem os atores religiosos nas redes. Na atividade desse catolicismo clerical-reacionário, o signo se hipertrofia, a capacidade de bem interpretar se esvai, impera a desreferencialização e a conexão se sobrepõe à conjunção. Destaco como um dos resultados desse processo a transformação das batinas em expressão maquínica, mantida por comunicação algorítmica e o narcisismo patológico. A “cruzada digital” produz moralismo fascista político-comportamen-tal e alimenta o discurso político-parlamentar de extrema-direita. Restou a esse catolicismo claudicante a amargura de uma guerra perdida contra o mundo moderno.

Palavras-Chave: Reacionarismo católico; Igreja Católica no Brasil; Moralismo católico.

Abstract: in the history of the present time, the process of virtualization of life through social networks involves the totality of social life and, in it, a reactionary-clerical form of Catholicism. The digital world has gone from the utopian promise of freedom and equality to the wilderness of the algorithm. In this environment, I inquire into the meanings of Catholic traditionalist action on the networks, especially YouTube. I hypothesize that the reactionary resurgence in digital platforms occurs, among many causes, as a result of the re-inscription of its *modus vivendi* in a double context, one social-economic (financial capitalism), the other, political-cultural (machinic

¹ Doutor em Ciência da Religião, antropólogo, professor associado do Departamento de Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: emerson.pesquisa@gmail.com.

* Este artigo resulta de investigação desenvolvida no âmbito do Projeto de Pesquisa financiado pelo CNPq, número 404939/2021-0 (“Religião, Política e Teologia no Espaço Público”), instituição à qual agradecemos o financiamento.

subjectivity). In the context of financial capitalism, as a mode of organization of life and total communication, semiotic inflation and semantic deflation involve the religious actors in the networks. In the activity of this clerical-reactionary Catholicism, the sign becomes hypertrophied, the ability to interpret well vanishes, dereferentialization reigns and connection overrides conjunction. I highlight as one of the results of this process the transformation of the cassocks into a machinic expression, maintained by algorithmic communication and pathological narcissism. The “digital crusade” produces fascist political-behavioral moralism and fuels far-right political-parliamentary discourse. Left to this limp Catholicism is the bitterness of a lost war against the modern world.

Keywords: Catholic reactionaryism; Catholic Church in Brazil; Catholic moralism.

Introdução

Quando se observa o trajeto do catolicismo e da Igreja Católica no Brasil, recorro a distinção feita por Sanchis (1993) entre essas duas instâncias, a institucional e a cultural, a igreja e o movimento; sendo este mais plural e poroso, e aquela mais institucional e rígida, ainda que ambos sejam feitos de relações histórico-sociais tornadas *habitus* ou estrutura. Em constante articulação, interessam-me dessas duas instâncias os traços das matrizes tradicionalistas nelas geradas. Entendo a matriz tradicionalista como um conjunto de ideias e práticas que absolutizam a figura clerical, sacralizam signos (das vestes ao comportamento), clamam por rigor ascético nunca suficiente, desejam fazer do futuro o *locus* de um passado ideal, cultivam marcadores católicos (devoção a determinados santos e santas, sacramentos – em especial o da ordem, o do casamento, o da confissão e o da eucaristia) e mantém um forte sectarismo pessimista (apocalipse iminente, crença na ação demoníaca, clube dos eleitos e disputas entre si e o “mundo lá fora”).

Os grupos que integram esse gradiente se distribuem no espaço-tempo, vão dos ultramontanos aos digitalizados e podem assumir uma atitude agressivo-disruptiva ou opositora-complementar contra o *status quo* católico (Vaticano e CNBB–Confederação Nacional dos Bispos do Brasil). São sedevacantistas (a Santa Sé está vaga, o Papa Francisco é entendido como herético) ou ultraconservadores (RCC–Renovação Carismática Católica, Aautos do Evangelho e TFP–Tradição, Família e Propriedade). Ambos os grupos se autoapresentam como catoliquíssimos católicos. Essa matriz se torna reacionária quando, no espaço público, encontra, por afinidade eletiva, a extrema-direita, ou política de matiz libertária ou fascista.² Ambas lutam em favor de uma

² Essas duas direitas têm longa presença, a fascista é herdeira do fascismo europeu e seus ideais são mais autoritários; já a direita libertária tem origem em tradições estadunidenses de exaltação da liberdade

sociedade que canoniza hierarquias de valores étnicos, sexuais e morais; que absolutiza estruturas político-econômicas pouco igualitárias; que defende antipolíticas ambientais, antidireitos trabalhistas, antirreformas sociais, antiminorias e antiglobalização.

É no tempo presente que esses grupos reúnem seus batalhões de novos cruzados cristãos nas redes digitais. Por isso, assumo, neste artigo, a concepção de História do Tempo Presente inspirada em Henry Rousso (2000; 2016). Sua origem, marcada pelo envolvimento dos pesquisadores com o contexto e tema contemporâneos, disputas contra revisionismos e tentativas de apagamento das memórias dolorosas, traz a importância da coabitação entre pesquisador e seu objeto de estudo (testemunhas, documentos e fontes). Nesse espírito epistemológico, compreendo a guerra digital católico-reacionária como uma construção reativo-digital. Ou seja, nem pura repetição de um passado histórico e suas pesadas heranças, nem pura invenção contemporânea e sua relação fluida com as estruturas socioeconômicas.

Os signos esgrimidos por esse catolicismo viram guarda-chuvas e a época e seus referenciais sociais originais se transformaram ou desapareceram. Ao tempo que alguns desaparecem, no entanto, também se tornam fantasmas, que vagueiam sem corpo, prestes a assumir qualquer forma no presente. O signo do comunismo, o da liberdade, o da família e o da reprodução da vida são destituídos de semântica, agregam *ad infinitum* outros. Os mais disparatados símbolos são ajuntados em um único laço semântico, enquanto a interpretação se reduz a uma marca para vender, ao algoritmo embalado pelo semiocapitalismo para se propagar e, a pós-verdade³, para animar bolhas. Argumento que essa configuração de cruzada digital é resultado, em parte, de sua ideologia e, em parte, do semiocapitalismo e seus desdobramentos (Berardi, 2020). Como metodologia do presente texto, procurei articular perspectivas teórico-qualitativas e amostra quantitativa⁴ com três canais e oito vídeos desse catolicismo clerical-reacionário, disponíveis na plataforma do YouTube.

Selecionei falas e mensagens, a partir de critérios, a saber, quais signos repetem-se, causam controvérsias e engajamento, quais são mais inteiros do ponto de vista discursivo e poderiam favorecer a construção de tipos-ideais no sentido weberiano

individual diante da sociedade. É preciso diferenciar, no entanto, da esquerda libertária, que tem origem no anarquismo de correntes socialistas.

³ Entendo a pós-verdade não como conceito, mas como categoria descritiva que remete a imagens, ideias e signos estapafúrdios além da verificação (verdade ou mentira).

⁴ O estudo estende-se desde 2020, ao longo de diversos projetos e publicações. Atualmente, a pesquisa continua no projeto do CNPQ [...] que terá a duração de três anos.

(Weber, 2016). Dividi o texto em três seções. Nas duas primeiras discorri sobre o catolicismo clerical-reacionário e sua conexão com as estruturas sociais-históricas do/no tempo presente, e, na terceira, refleti sobre o *corpus discursivo* dos canais católicos.

A Igreja, catolicismo e sociedade: os vencidos da modernidade e sua revanche

Quando o trajeto do catolicismo e a Igreja Católica no Brasil são observados, sobretudo a partir da República, transformações externas e internas suscitaram movimentos de matriz tradicionalista (Caldeira; Da Silveira, 2021). De religião de Estado, quase monopólio em contexto rural-camponês-mágico, maiormente não-letrado, lastreado em mídia impressa, tradicional, contexto não-capitalista, oligárquico-régio, hierárquico, o catolicismo se prolongou em sua tensão e em sua pluralidade interna sem direção a um outro tempo/lugar. Nas irrepetíveis linhas da história, ele caminhou para um mundo urbano, capitalista (do industrial ao financeiro), democrático-republicano-desencantado, desmonopolizado religiosamente, laico, com múltiplas mídias (do rádio à Internet), por um lado, mas narcísico-neoliberal e individualista, com ressurgências mágicas, por outro.

O precedente esboço está em aberto e a ele se pode agregar um sem-fim de características sociorreligiosas com as quais o catolicismo clerical-reacionário interage. Para deixar o quadro mais nítido, acrescento as mudanças externas e internas (abismos sociais, luta por igualdade social, perda de hegemonia, concorrência religiosa) e as alternâncias entre polaridades (mágico-racional, sacerdotal-laico, centralização-paroquialização, ordem-festa, sacramentos-devoções, dogma-liberdade sincrética) (Maués, 1995).

No tempo presente, as hostes reacionárias se reorganizam, se valem do espaço público contemporâneo – múltiplo e transversal – e das novas tecnologias e mídias para brandir valores atávicos, mas sob supostas ameaças de fim irremediável. O catolicismo clerical-reacionário corre *pari passu* às mutações político-socioeconômicas que, entre as décadas de 1970 e os anos 2020, consagrou novos modos de viver, produzir, consumir, comunicar, sem romper com o atavismo das velhas ordens (Martins, 1975; 1994; 2010).

A instituição se viu obrigada a disciplinar seus grupos internos, enfrentar novos atores no campo religioso (kardecistas, protestantes, pentecostais e neopentecostais),

mudanças, como o Concílio Vaticano II, que introduziu racionalidade moderno-desencantada na prática e mentalidade católicas, atenuou o clericalismo, valorizou o laicato e aboliu o latim. Diante disso, e das mudanças na modernidade, os grupos reacionários ressentiram-se pela perda de espaço dentro e fora da instituição.

Esses grupos militam em algo que veem como uma cruzada também em ambiente digital, não apenas nas ruas e salas palacianas, legislativas, judiciárias, paroquiais ou episcopais (Caldeira, Gama, 2019).⁵ Sua atuação político-religiosa permaneceu em um *continuum*, desde o Centro Dom Vital, sua revista “A Ordem” e seu fundador, Jackson de Figueiredo; a intelectualidade católica (1920-1940); a Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP) (1960-1980), expandida do Brasil para América Latina, Europa África, sob o comando de Plínio Corrêa de Oliveira e continuadores; aos atuais grupos reacionários em sua multiplicidade contemporânea (Zanotto, 2013; Caldeira; Da Silveira, 2021). A matriz católica tradicionalista reemergiu no contexto das plataformas digitais em tempos de capitalismo financeiro e da subjetividade maquínica – fusão entre subjetividade humana e máquina digital (Berardi, 2020). Derrotados nas batalhas da modernidade social-cultural, esses católicos claudicantes continuam em terreno digital a sua velha, amarga e desesperada cruzada contra o mundo moderno.

O catolicismo reacionário no tempo presente da subjetividade maquínica

Sob a liderança de Henry Rousso (2000), elaborou-se uma investigação histórica debruçada sobre o “seu próprio tempo” e seus dilemas mais excruciantes. A controvérsia se instaurou em torno de dois pontos, o marco cronológico delimitador do campo de estudo e o *corpus documental*, com o qual pesquisadores trabalhariam. Diversas soluções foram tentadas e, por meio delas, emergiram reflexões aplicadas ao campo religioso (Huff, Jr, 2008). A história do tempo presente é uma história das durações e aberta a mudanças: a contingência e as permanências trazem o interesse por questões relevantes para o tempo-espaço em que habitamos pesquisadores. Rousso (2000; 2016) critica a postura neutra, em sentido positivista, e propõe uma postura interativo-participativa no debate público e suas questões candentes. Diz-se, então, que a história

⁵ Desde os tempos áureos da mobilização em espaços públicos, como nas décadas de 1920-30 e 1960, com períodos de latência, reestruturação e internacionalização (1980-2008) e de emersão (2010-2022),

do tempo presente é a da última catástrofe (Rousso, 2016). Nesse aspecto, emolduram este texto as últimas catástrofes: a eleição de um governo de extrema-direita política-religiosa coroando um longo ciclo neoliberal, a COVID-19,⁶ doença biopolítica, intensificadora da crise social (2018-2022), e a emergência da subjetividade maquínica (Oliveira; 2018; Ghiraldelli, 2022).

As raízes dessas crises estão um pouco mais atrás e são localizadas a partir dos anos 1970. É a passagem do capitalismo fordista-colonial-imperialista, liberal, individualista, semântico, de mídias clássicas (rádio e TV) ao financeiro-globalizado, transnacional, narcisista, neoliberal, semiótico, de redes digitais. No começo desses tempos, viviam-se: crise fiscal do Estado de Bem-Estar, fim dos anos dourados do capitalismo, Guerra do Vietnam, fim do Acordo de Bretton-Woods (lastro dólar-ouro rompido unilateralmente pelo presidente Richard Nixon), Crise do Petróleo e da Maioria Moral (EUA). Logo depois, veio a era Thatcher-Wojtyła-Reagan (1979-2005). No Brasil, o ocaso da Ditadura de 64, redemocratização, Teologia da Libertação, Constituição de 1988 com inclinações social-democratas, controle de capital financeiro⁷ e direitos sociais e individuais. Mas o capitalismo financeiro neoliberal que se iniciou com Collor de Mello (1989-1992), acirrou-se com Fernando Henrique Cardoso (1994-2002) e foi pausado com Lula da Silva e Dilma Rousseff (2002-2016), sem regredir, retomado pelo governo de Michel Temer (2016-2018) e atinge o auge (e entra a crise – mais uma) com o de Jair Bolsonaro e a sindemia⁸ de COVID-19 (2018-2020). Dessa época em diante, fundam-se e ascendem igrejas evangélicas neopentecostais (Igreja Universal, em 1977) e a Renovação Carismática Católica (em 1969-1970). Nesse período os grupos clericais-reacionários se mantiveram ativos, apesar do refluxo (Caldeira, Gama, 2019; Camurça, Brum Silveira, 2019).

⁶ O trabalho da CPI, Comissão Parlamentar de Inquérito, mostrou a participação do governo, empresários, presidente da República na mortandade que não cessou ainda.

⁷ Havia um artigo que fixava juros em 12% ao ano, derrubado depois e a previsão de uma auditoria da dívida, nunca implantada.

⁸ Sindemia é o termo mais adequado para entender doenças como a COVID-19. Ele desmonta a ideia de que doença é pura biologia. COVID-19, e outras doenças, é político-social, pois interage sem cessar com as dimensões da vida, da cidade, do Estado. Suas mutações se aceleram, interagem com outras doenças, com a disposição da sociedade, enfim, um quadro extremamente complexo, que exige uma abordagem à altura (IBRAHIM, 2021).

O tempo presente se caracteriza também pela disputa entre um capitalismo neoliberal-global e outro, nacional-reacionário. Ambos policêntricos e poliperiféricos, produziram mais distância entre ricos e pobres, mas o primeiro tipo pode ser moderado, civilizado em seus efeitos: diminuição das desigualdades e injustiças sociais, direitos sociais, em especial ao de minorias sociais (mulheres, negros, indígenas, LBGTQIA+s) e meio-ambiente. O segundo incorpora elementos populistas, iliberais (subordinação de poderes republicanos à chefes/oligarquias ou desorganização), reacionários, por um lado (moralismo), libertários à direita (liberdade narcisista), por outro.

Em todos os capitalisms, o Estado é fundamental para tentar uma espécie de “sistema em um país” ou para acelerar os ventos globalizantes. Na versão mais social-democrata ou neoliberal mitigada, o Estado é vital para induzir e coordenar o desenvolvimento social-econômico com justiça social. Esse tem sido o caminho histórico da sociedade brasileira, que requereu conflitos mais ou menos diretos com hierarquias tradicionalistas na sociedade, economia e política. O resultado possível foi uma modernização conservadora que manteve arcaísmos vivos no corpo social como um todo (Martins, 1975; 1994; 2010). As direitas, em seu espectro libertário-reacionário, propagam uma visão pessimistas obre a humanidade, sociedade, Estado e moral social, que favorece mais um tipo de capitalismo do que suas outras versões, mas que é insustentável pela ampliação das crises. Os movimentos religiosos reacionários são seus parentes (Negri, Hardt, 2018). Ambos se chocam contra o capitalismo liberal-globalizante nos pontos em que este valoriza minorias sociais (negros, mulheres, LBGTQIA+s), mais em sentido de consumo-mercado, menos no de ampliação de direitos-cidadania, embora haja correlação.

Por isso, percebem-se permanências na direita religiosa e na política: ideias de degradação dos costumes, da sociedade, do clero (somente o midiático, o da teologia da libertação e pastorais sociais, o dos trabalhos com população em situação de rua e dependentes de crack como Padre Júlio Lancelotti), do laicato, do mundo e da sociedade. Pessimismo e fatalismo intensos: o mundo é mal, caminha em um sentido de piora, é preciso uma força mágico-religiosa para a restauração (retorno ao passado supostamente mais puro) ou antecipação (retorno da divindade para estabelecer seu reinado). Mas buscam uma aliança mundial, tácita ou explícita. Pierucci (1987, p. 45) notou: “Assim como o novo papa [João Paulo II], a nova direita é mais imediatamente internacional [...]”.

Os grupos contemporâneos de extrema-direita constituíram uma aliança ecumênica/inter-religiosa (católicos, protestantes e pentecostais, kardecistas). De lá para cá, se aprofundou a articulação internacional de extrema-direita: fascista, nacionalista e antiglobalização em termos morais e geopolíticos; libertária de direita, em termos filosóficos, afeita a leitura literal de textos e tradições sagradas e exaltadora de mentalidade mágica (orações e rezas convertem o mundo e o salvam da ameaça que profecias, revelações de videntes marianos proclamam), em termos religiosos

O arco social dessa formação, reúne ideias como pátria, religião, anticomunismo, antiglobalismo, família (casal heterossexual-monogâmico com filhos), capitalismo com fronteiras nacionais, submetido aos caprichos dos grupos que tentam controlá-lo; ideólogos de extrema-direita como Steve Bannon (estadunidense), Olavo de Carvalho (brasileiro), Alexandr Dugin (russo); governos e forças políticas, como Donald Trump e o Partido Republicano, Marine Le Pen, Victor Orbán, Vladimir Putin e Jair Bolsonaro; forças e lideranças religiosas como cardeais, bispos e movimentos católicos (Burke e Sarah, cardeais; Orani Tempesta, bispo, Arautos do Evangelho, TFP, RCC), patriarcas ortodoxos (Cirilo, de Moscou), CGADB – Convenção Geral dos Ministros das Igrejas Evangélicas Assembleias de Deus do Brasil,⁹ Silas Malafaia e Marco Feliciano (líder evangélico e deputado federal), Divaldo Franco (kardecismo).¹⁰ Todo esse espectro é atravessados por regimes de afeto cheio de ódio e pavor.

Os novos fascismos, segundo Maurizio Lazzarato (2019, p. 104), filósofo e sociólogo italiano, são movimentos intrínsecos ao modo capitalista de organizar a vida socioeconômica e suas crises: “A eleição de Bolsonaro para presidente do Brasil marca uma radicalização da onda neofascista, racista e sexista que assola o planeta”. Mas, o ponto que me interessa aqui é uma sua observação: “o novo fascismo é um *ciberfascismo*. O próprio fascismo histórico não era [...]um arcaísmo que [...] o progresso das forças produtivas teria apagado para todo sempre” (Lazzarato, 2019, p. 104). O novo

⁹ O presidente da República, Jair Bolsonaro, esteve na abertura do Segundo Culto da 45ª Assembleia Geral da CGADB, como convidado de destaque, no dia 19 de abril de 2022. Link: https://www.youtube.com/watch?v=VEa-6SocI_o

¹⁰ Não quer dizer que não haja forte reação dentro dessas religiões contra visões e práticas reacionárias, de extrema-direita. A teologia da libertação continua viva no catolicismo e no protestantismo, assim como as CEBS, comunidades eclesiais de base. Novos coletivos religiosos surgem dentro de igrejas evangélicas e do kardecismo a partir de crítica social e luta por justiça e igualdade sociais, as igrejas LGBTQA+, os espíritas de esquerda. A maioria deles também está nas redes sociais.

fascismo “[...] põe em xeque todas as utopias *tecnociber* (do *ciberpunk* ao *ciberfeminismo*, da *ciberesfera* à *cibercultura*), que [...] com uma intensificação a partir dos anos 1970, viam nas máquinas cibernéticas uma dupla promessa”, a saber “a de uma nova subjetividade pós-humana e a da libertação da dominação capitalista” (Lazzarato, 2019, p. 104).

Ainda que as vitórias de Bolsonaro e de Trump, e os grupos católicos reacionários, usem tecnologias massivamente, não são o resultado delas, mas de uma “máquina política e de uma estratégia que agencia uma micropolítica dos afetos tristes (frustração, ódio, inveja, angústia, medo)”, a partir da “macropolítica de um novo fascismo que dá consistência às subjetividades devastadas pela financeirização” (Lazzarato, 2019, p. 105).

O capitalismo semântico, moderado pela social-democracia, surgido durante as crises das Duas Guerras Mundiais, teria sido um desvio da sua função original, que é acumular, crescer infinitamente, tornar-se um ser autômato enquanto poderosa relação social, ao modo e semelhança de Deus (Benjamin, 2015; Coelho, 2021). A mais valia fordista, cuja mensuração se dava pelo tempo socialmente necessário para fazer mercadorias (produção), perdeu capacidade diante da mais valia social pós-fordista. Esta substituiu a antiga forma e nela, o mercado de papéis derivados de contratos cresceu, ampliou o crédito para compensar a falta de emprego e salário baixo, fazendo com que a precarização do trabalho e o endividamento sejam crescentes. Lembra Berardi (2020), que o capitalismo produz as tecnologias, embora elas retroajam sobre a estrutura cultural e disseminem mentalidades específicas. Surgiu, com isso, o neoliberalismo como face política do capitalismo financeirizado e semiótico (Estado a favor da acumulação de capital) e seu devastador efeito cultural, que resulta em um indivíduo ensimesmado, que empresaria a si, apaga os contextos sócio-históricos que o constituem.

Na época das redes digitais, ondas massivas de *fakenews*,¹¹ desinformação e pós-verdade varrem as redes, financiadas pelo Estado capturado por forças religioso-políticas reacionárias por meio direto, da democracia representativa (governos eleitos)¹².

¹¹ Promoção intencional-massiva de desinformação, financiada por dinheiro privado ou público.

¹² Fakenews e pós-verdades ocorrem também dentro das esquerdas, ao menos em parte. O tratamento de Putin, dirigente russo cujo governo de extrema-direita invadiu a Ucrânia, por parte da infoesfera de

Essas ondas são apoiadas de modo indireto (cartões corporativos presidenciais, verbas de gabinete de representantes reacionários eleitos), por meio de empresários que lucram com essas atividades e por tentativas de mobilização nas redes (mecanismos de monetização, doações). Há alguma autorregulação dentro do capitalismo de plataformas e exemplos como banimento temporário das contas digitais do ex-presidente republicano Donald Trump e apagamento de vídeos de extrema-direita bolsonarista contra a vacina da COVID-19 demonstram isso¹³. Por outro lado, governos pelo mundo avançam propostas de impostos e regulação pública das empresas digitais.

Na expansão do neofascismo, signos como o da liberdade individual e de livre-expressão absolutas, atropelando outros princípios, como saúde pública, equilíbrio entre os poderes republicanos, e, junto com odo comunismo, fundamentam as falas dos canais católicos reacionários. Esses signos abrigam inclusive ações contra sistemas de votação eletrônico para deslegitimá-los, incitação ou ataques orquestrados contra instituições da República (tribunais superiores, universidades, centros de pesquisa) e a pessoa de juizes, ministros, pesquisadores, cientistas e adversários políticos.¹⁴ As ações são organizadas a partir das redes sociais por esses grupos reacionários religiosos com a promoção de *fakenews*, pós-verdades e uso abusivo do poder judiciário para processar penal, civil e administrativamente críticos acadêmicos e movimentos sociais (Rosado Nunes; Bandeira, Pereira, 2021). As ações também se dão via aplicativos de comunicação e e-mails. Os ataques ocorrem em bando, em um clássico estilo comportamental fascista a partir de comunidades ideológicas impermeáveis a críticas, onde o poder pastoral exibe sua força.

O *front* da guerra envolveria, segundo os reacionários, estruturas culturais-educacionais e políticas (escola/universidade, museu, desenhos, livro, planos

esquerda, mostra isso. Mas, o alcance e a intensidade do que fazem as extremas-direitas político-religiosas, ameaça desorganizar a República, o Estado Democrático de Direito e o ambiente econômico. Ao introduzir a desconfiança generalizada, o caos emerge. A mídia trompista é exemplo. Também é, o gabinete do ódio, aparentemente liderado por Carlos Bolsonaro, filho do presidente e membros do seu governo. Parte desse batalhão do ódio é de blogueiros católicos fugidos da justiça, como Allan dos Santos, nos EUA desde final de 2021, quando sua prisão foi determinada pelo ministro Alexandre de Moraes (STF); Bernardo Küster, em processo de investigação, e Osvaldo Eustáquio, que esteve na prisão. O processo de investigação das milícias digitais contra as instituições republicanas começou em julho de 2021.

¹³ Por vezes, são os próprios militantes de direita, com receio de processos judiciais, que apagam os vídeos.

¹⁴ Há casos rumorosos, mas há centenas de casos despercebidos, regionais ou locais.

governamentais, parlamento, sociedade civil). Enxergam-se em redes de TVs, como a Rede Globo, e seus signos (novelas), demônios que destroem a “civilização cristã”. Signo e semântica são duas faces da linguagem, que estruturam as dimensões da vida, nos constituem e constituem essas estruturas.¹⁵ Nelas somos os animais amarrados a teias de significados que tecemos. A cultura é resultante dessas teias e a sua análise, “uma ciência interpretativa à procura de significados” (Geertz, 1978, p. 15).¹⁶ Eu entendo signo e semântica a partir de Berardi (2020) e Negri e Hardt (2018). O primeiro, é o suporte material das realidades (palavra, imagem, som) em sua concretude e infinitude empírica, destituído de significados naturais, intrínsecos ou transcendentais. Carece de interpretação, que é construída sócio-historicamente. Signo e semântica, dessa forma, nos envolvem como uma teia, alimentam ação e o pensamento das sociedades, suas classes sociais e seus grupos sociorreligiosos. Por isso, compreender o *corpus discursivo* digital do catolicismo clerical-reacionário em uma época de individualismo narcísico e de comunitarismo autocentrado-dogmático (bolhas), exige sua articulação com a estrutura social ampla.

Os cavaleiros cruzados do signo católico reacionário

Abarcar o conjunto das manifestações católicas reacionárias nas plataformas digitais é tarefa complexa, exigiria um enorme aparato técnico e equipe, mas nunca seria exaustivo. As postagens são contínuas, as interações, incessantes, assim como a luta para aumentar o número de seguidores e fidelizar “clientela”.

Quadro 1 – Canais-personagens¹⁷

Nome	Data	Inscritos	Vídeos	Links	Clube de membros, venda de serviço ou produto
Padre Paulo Ricardo ¹⁸	08/04/2006	1,37 milhões	2854	Twitter, Site, Instagram	Sim
Instituto Plinio	10/04/2014	178 mil	2303	Facebook, site, lista de e-mail	Sim

¹⁵ A arbitrariedade entre signo e sentido, som e palavra, é uma descoberta linguística centenária, desde Ferdinand de Saussure.

¹⁶ Geertz tomou como base, para essa bela expressão, as ideias de Max Weber.

¹⁷ A última atualização dos dados é de 10 de maio de 2022. Os vídeos são números aproximados. Eles podem ser retirados pelos cansais ou se eles forem denunciados por violarem as regras da plataforma.

¹⁸ <https://www.youtube.com/user/padrepauloricardo>.

Corrêa de Oliveira ¹⁹					
Frei Gilson – Som do Monte ²⁰	20/02/2016	3,4 milhões	2353	Instagram, Deezer, Facebook, Instagram, Spotify	Sim. Oferece aplicativos de oração Google Play (Android) e App Store (iPhone)

Fonte: autoria própria, 2022, em 10 de maio.

Dois canais são feitos por sacerdotes, auxiliados por equipes, ao que parece, com anuência dos bispos, seus superiores hierárquicos, pois caso contrário não teriam a desenvoltura que têm, e um por grupo associativo civil. A maioria produz conteúdo próprio (*lives*, palestras, homilias, respostas a perguntas), mas replicam também conteúdos de outrem, em especial na aba digital “comunidade”. Todos participam da matriz tradicionalista, mais ou menos hostil para com o papado de Francisco e a CNBB. Argumento, baseado nas ideias de representação do eu na vida cotidiana, de Erving Goffman (2013) e na de semiocapitalismo de Berardi (2020) e Ghiraldelli (2020), que, uma vez nas redes, esses sacerdotes e grupos, seres concretos, corpos, origens sociais-religiosas específicas, se tornam tipos, máquinas de conectar signos com signo e participam do desprezo à hermenêutica: não há a crítica social externa aceita, enquanto a interna é emudecida. Divergências que os confrontem não são toleradas, uma vez que os canais se voltam contra quem as faz, mobilizam ataques coletivos e ações judiciais. Mas, às desbragadas, agitam a bandeira da livre-expressão e da liberdade, para criticar medidas sanitárias e sociais contra a COVID-19, CNBB, STF, Papa Francisco, desacreditam mudanças climáticas cada vez mais severas e deslegitimam o trabalho de padres como Júlio Lancelotti na cidade de São Paulo. Produzem o amor ao igual, amor identitário, narcísico e autolouzado.

Os canais-personagens, e os vídeos, são lidos à luz do tipo-ideal, são um modelo teórico para pensar a realidade, possuem traços mais exagerados, como na reposta famosa de Max Weber aos seus críticos, “minha profissão é exagerar”. Eles apresentam, ar de gravidade, austeridade, tom solene, pastoral, pedante, descolado em poucos casos, ambiente *oldfashion*, *oldcatholicism*. Fazem alertas de perigo iminente, maldição, peste e de que o pior está por vir. Se não rezarmos e não convertermos, segundo o que dizem, o castigo virá como guerra ou como doenças terríveis (COVID-19). Os títulos dos vídeos

¹⁹ <https://www.youtube.com/c/CaravanaIPCO/featured>.

²⁰ <https://www.youtube.com/c/FreiGilsonSomdoMonteOFICIAL/about>.

são afirmações, trocadilhos, mensagens, frases sensacionalistas, às vezes em tom pueril (“a farsa caiu!”).

Os responsáveis, e a maioria dos que falam, têm pouca formação superior nas áreas específicas que costumam denunciar (clima, doença, política, teorias marxistas e comunismo) e quando há gente com formação superior, é contestada dentro das comunidades científicas. Discursos, feitos em tonalidade melodramática, histriônica, fatalista, podem, por vezes, ser vocalizados com calma, ritmo suave. Os semblantes, carregados e as caras, carrancas. Sorrisos, poucos, de canto de boca e amarelo-cáusticos. São masculino-brancos em sua maioria. Usam signos de vestuário (batina, estola, colarinho clerical, crucifixos peitorais, terços e roupa social), iluminação a lembrar igrejas góticas, quando profissionais, velas aclarando ambiente escuro ou iluminação artesanal, quando amadores; signos devocionais (estatuetas da Virgem de Fátima, de Lourdes, da Misericórdia, Padre Pio, terços, rosários e bíblias). Desses signos, pouco se referem aos santos e às santas com marcas sociais e étnicas (Dom Óscar Romero, Irmã Dulce, Senhora Aparecida, Santa Efigênia ou São Benedito). Quando estes aparecem, por fala ou imagem, exalta-se o aspecto disciplinar, o esforço terrível para conversão e as vitórias sobre o demônio. Quando falam dos aspectos sociais, acentuam práticas em tom paternalista. O autodidatismo substitui a formação acadêmico-científica reconhecida ou específica para o que pretendem falar. Dizem: “eu estudei”, mas não se sabe onde, com quem e quais as fontes. O autodidatismo decorre de fracasso escolar e da incapacidade de manter a racionalidade. Grassa, nas entrelinhas, ódio a escola e a universidade, por um lado, e, por outro, apoio a autodidatas ou professores/cientistas pouco reconhecidos, *outsiders*, desprestigiados em suas universidades, revistas e comunidades²¹. Os signos discursivos que mais apareceram, em ordem de frequência são Deus, moral, família, maldade, guerra (e variantes: guerra cultural), demônio (variantes: satanás, diabo, encardido, tinoso), disciplina, profecia, castigo, comunismo, devoção, medo, perseguição, conversão, santidade, oração, missa e sinais.

Os signos discursivos de compaixão, misericórdia, caridade e amor são poucos. Quando surgem, são acompanhados de severas restrições: “Deus ama, mas...”. Amor

²¹ O background ideológico desses discursos (guerra cultural, anticomunismo, decadência e picuinha moralista), provém de círculos marginais europeus ou estadunidenses (Kreeft, 2002; 2011, 2021).

sovina, que obriga o amado a pagar uma dívida, que é o contrário do amor incondicional. A liberdade é reivindicada em questões como direito às armas, contra normas sanitárias da COVID-19 (restrição de aglomeração em cultos, máscaras e vacinação obrigatória), contra o meio ambiente e minorias. A rebelião direta ou sutil, contra a CNBB e o Papa Francisco e as instituições da República ocorre quando esses atores sociais, alinham-se às ciências, à justiça social, à luta contra preconceitos, às desigualdades sociais, à defesa de direitos de minorias e desempenham seu papel institucional. Só há liberdade em aceitar o reacionarismo moral e do contrário o fogo aguarda os oponentes, pois é a vontade de Deus e eles são seus intérpretes, guardiões da fé, da lei e cruzados em ordem de batalha.

Em terceiro lugar, a estrutura sintagmática discursiva contém falácias, falhas do ponto de vista da lógica, do da ética e do rigor intelectual. O objetivo é engajar, aumentar capital (curtidas, comentários, visualizações e apoio financeiro) e reinvesti-la no aumento do rebanho de seguidores. Os signos parecem claros: modelos de família, o tradicional e os novos, datas, personagens históricos, nomes, eventos, fotos e livros, mas seu arranjo, furibundo e dodivanas, parece suscitar pânico, sensação persecutória, sentimento iminente de catástrofe, existência de um plano global, elites ocultas e asfixia. Não há reflexão porque a velocidade de disseminação em rede anula a capacidade de parar e refletir. Na sua visão, a maioria da população está desinformada, alienada ou mantida em prisões ideológicas por “comunistas” ou “pecadores”. Nessas bocas vociferantes, o velho diabo vermelho rebola e gargalha, não o religioso, mas o político, possuído por novos nomes, embora a imagem de um e outro, se fundam em um lundu reacionário. O povo é composto de inocentes úteis, pobres-coitados, enganados, ludibriados, enquanto eles são os tutores-pastores do rebanho. Povo inteligente, parece, mas quando favorável, aparentemente, às suas teses. Participam de uma visão autoritária e autolaudatória, da qual emana um poder pastoral violento. O desprezo por referências históricas/métodos rigorosos, pelas críticas da comunidade científica, destrói qualquer interpretação.

Quadro 2– Vídeos- Caracterização

<i>Número/título</i>	<i>Canal</i>	<i>Data</i>	<i>Visualização Curtidas</i>	<i>Tempo Comentários</i>	<i>Tipo</i>
1. A Igreja e o desarmamento	Padre Paulo Ricardo	26/04/2011	147.018 mil 8,7 mil	24:34 Fechado	fala livre
2. Marxismo cultural e revolução cultural: visão histórica		04/01/2012	507.174 mil 28 mil	59:31 Fechado	palestra-aula

3. A família no centro da política		20/11/2013	25.208 mil 692	28:10 Fechado	palestra
4. É pecado usar roupas curtas ou colantes?		13/072016	111.483 mil 9,2 mil	4:01 155	palestra
5. Farsa climática da esquerda desmascarada por cientista brasileiro - Prof. Molion quebra os mitos	Instituto Plínio de Oliveira	16/10/2019	345.022 mil 26 mil	57:08 1.549	palestra
6. Pandemia do Medo	Padre Paulo Ricardo	20/042020	253.965 mil 26 mil	47:54 765	palestra
7. Cuidado com os Herodes do nosso tempo	Frei Gilson	04/012021	203.555 ml 13 mil	58:04 639	pregação
8. A quem você está entregando seus filhos?	Padre Paulo Ricardo	05/05/2022	24.085 mil 6 mil	1:39 259	trecho curto de fala

Fonte: autoria própria, 2022, 10 de maio.

Os vídeos cobrem variados gêneros de discurso. Números disparatados em alguns casos podem remeter a um dos problemas das plataformas: robôs, perfis falsos e monetizações. Os produtores dos canais comercializam cursos, pedem doações e as plataformas monetizam (clube de membros com contribuição mensal, propagandas, contribuição esporádicas via cartões, ou permissão para anúncios de contas bancárias) e a partir disso extraem seu lucro. Sabe-se que pode haver aporte financeiro de dinheiro público indireto (assessores de gabinetes de deputados e de vereadores), ou ganhos com desinformação e pós-verdade. Há empresas especializadas em vender serviços e produtos como robôs, perfis falsos, curtidas, inscritos e visualização por meio de impulsionamento. O combate do racismo, homofobia, anticiência, antivacina, atividades ilegais é mais laxo ou restritivo, a depender das ações de grupos ou de pessoas prejudicadas, do Poder Judiciário e do quanto essas atividades inviabilizam o ambiente de negócios no capitalismo financeirizado.²²

Nas plataformas de trabalho, o processo de uberização e precarização avança, efeito, mas também causa, das entranhas do capitalismo financeirizado-semiótico, que se estende aos variados campos da vida social, está *pari passu* com a frustração causada pela perda de emprego, renda, casa, afeto, de inadaptação às novas tecnologias e da ideologia do indivíduo empresário de si. Mais que o individualismo radical, expresso pela frase de Margareth Thatcher “mas, o que é a sociedade? Não existe essa coisa. O

²² A legislação público-estatal engatinha. Não é possível, ainda, uma investigação independente dos algoritmos, ainda que solicitada por pesquisadores ou universidades.

que existe são homens e mulheres, indivíduos, e famílias”, dita em 1987²³, prevalece o eu absoluto, narcísico (eu sou tudo: a minoria, a tradição, o movimento, a ciência). Desconsidera-se a conjunção indissociável entre o eu, a sociedade e a cultura. A subjetividade individual é a de uma época e de um espaço. No semiocapitalismo, ao deslizar dedos, postar imagens, textos, jogar, pesquisar, oferecer serviço ou produto, militar ideologicamente ou não, trabalhamos-consumimos (“prosumidores”), impulsionamos lucros sem sermos remunerados, aperfeiçoamos o intelecto geral, cujo resultado empresas se apropriam, impõem escassez para vender serviços ou produtos, por um lado, dispõem crédito e empréstimo, por outro, com ajuda do Estado para manter o *status quo* (Negri, Hardt, 2018; Py, 2020). Máquinas digitais operam signo com signo, nunca interpretam (semântica), pois a hermenêutica exige pausa, ritual, silêncio, jogo de pedir e dar razões entre interlocutores vivos, corpos que se tocam, o conjuncional, e isso trava o maquinário.

A Internet torna anulável a alteridade, ou aquilo que nos contesta, e, por isso, vital, o negativo, em termos hegelianos. A “alma, efeito e instrumento de uma anatomia política: *a alma, prisão do corpo*” (Foucault, 1975, p. 30, grifo meu). No período temporal deste artigo, quando o tema envolve desigualdade social, oposição ao armamento da população, defesa de migrantes, povos indígenas, população em situação de rua, natureza, direitos trabalhistas e sociais, saúde pública, ciência, vacinas e normas sanitárias para o enfrentamento da COVID-19, a diferença é abissal: a CNBB é defensora, o catolicismo clerical-reacionário hostil ou indiferente (Da Silveira).²⁴

²³ Link: <https://oglobo.globo.com/opiniao/essa-coisa-de-sociedade-nao-existe-8080595>. Acesso em 07 de maio de 2022.

²⁴ A CNBB numa nota oficial a respeito do Dia do Trabalho, 01-05-2022, afirma: “Diante deste cenário esperamos que os governantes promovam grandes e urgentes mudanças, em harmonia com os poderes da República, atendo-se aos princípios e aos valores da Constituição de 1988, já tão desfigurada por meio de Projetos de Emendas Constitucionais. Não se permita a perda de direitos dos trabalhadores e dos pobres, grande maioria da população brasileira. A lógica do confronto que ameaça o estado democrático de direito e suas instituições, transforma adversários em inimigos, desmonta conquistas e direitos consolidados, fomenta o ódio nas redes sociais, deteriora o tecido social e desvia o foco dos desafios fundamentais a serem enfrentados.” Link: <https://www.cnbb.org.br/mensagem-povo-brasileiro-fe-esperanca-compromisso-vida-brasil/>. Há consonância com o papado de Francisco, caracterizado por críticas sociais ao capitalismo neoliberal e as desigualdades. Mostram isso, *Laudato Si* e *Fratelli Tutti*, importantes documentos, além de falas como entrea de outubro de 2014, no Encontro Mundial dos Movimentos Populares, promovido pelo Pontifício Conselho Justiça e Paz: “Nenhuma família sem casa, nenhum camponês sem-terra, nenhum trabalhador sem direitos”.

Nesses canais-personagens não há vídeos em apoio à ciência e seus métodos rigorosos, quando há, pretendem destruir, em um simples ato[sarcasmo], o consenso científico. Mais do que negacionismo, falsa ciência: aparecem teses e cientistas contestados pela comunidade científica, uns rapapés. O aquecimento climático é algo natural assim como as doenças. Estas devem seguir seu curso (imunidade de rebanho), ideia desmentida cientificamente pelos efeitos desastrosos. As doenças são, também, castigo divino, purgam e são pedagógicas. Para enfrentá-las, reza, cilício, terço, ave-marias, pais-nossos, cabeça baixa, confissão, comunhão, resignação, santinho, promessa ou espera de milagre. Mas, exigir saúde pública, vacina, investimento público em ampliação de direitos sociais, Sistema Único de Saúde, pesquisa e educação, não. Virgem Santíssima! Heresia pura! O resultado desse discurso é fatalismo e morte. Os efeitos da negação da validade das vacinas, das informações falsas são imensos. As plataformas têm suspenso a monetização, perfis e vídeos e a Justiça tem atuado, aberto inquéritos. Mas, não se conseguiram resultado satisfatório.

A seguir, trago os três primeiros vídeos feitos pelo Padre Paulo Ricardo, apresentado por Fábio Py (2021) como agente do cristofascismo brasileiro. Nas aberturas, fundo avermelhado ou azul, música metálica ou lenta, solene, imagem icônica de Cristo, pequena e ao centro, em crescente; em seguida, surge a expressão *Christo Nihil Præponere* (lema em latim, “A nada dar mais valor que a Cristo” e nome da equipe do padre), bem como títulos. O vídeo ¹²⁵ anuncia: “gostaríamos de tratar do tema polêmico do desarmamento” (0:18). Em seguida, faz referência ao massacre de Realengo, 7 de abril de 2011, quando Wellington de Oliveira, 23 anos, abriu fogo dentro da escola Municipal Tasso da Silveira, bairro de Realengo, zona oeste do Rio de Janeiro. Armado com dois revólveres, ele matou dez meninas e dois meninos entre 12 a 14 anos. Afirma-se: “Agora, mais uma vez esse debate vem à tona por ocasião do terrível massacre” (0:34). Ele se pergunta sobre a posição da Igreja acerca da proposta de desarmamento e anuncia clareza: “[...] A Igreja não é pacifista, mas ela é pacífica [...] não obriga você, cidadão brasileiro a votar nem de um lado, nem do outro” (1:00-1:20). Pretende, com ar aparentemente neutro, expor e “deixar o cidadão livre escolher”, mas, para ele, a reação

²⁵ 1. A Igreja e o desarmamento. [S.l.:s.n.], 2011, 1 vídeo (24:34 minutos). Publicado pelo canal Padre Paulo Ricardo. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=RnTJiLgDINM&t=736s>. Acesso em 06 de maio de 2022.

indignada contra o massacre e a favor do desarmamento é “histórica”, “pura hipocrisia”. Neutralidade, mas nem tanto.

Comum nesses vídeos e canais, mas também em todo espectro político e religioso nas redes, é o erro de igualar e comparar tópicos distintos, no caso, massacre de Realengo e aborto. “O país inteiro se comoveu diante da morte daquelas onze crianças, eu também me comovi, você também se comoveu e é justo que os políticos de comovam também, mas [...]” (2:17-2:30). Participa da fiscalização da dor, da coerência e da consciência moral dos outros (ou da falta). Alguns políticos e jornalistas, mais especificamente, são cobrados: “[...] vamos cobrar deles a comoção para com crianças inocentes que morrem no ventre das mães através do aborto” (2:30-2:38). Melífluo, diz: “[...] aqueles [...] que se descabelam histericamente pedindo o desarmamento são os primeiros a dizer apressadamente que o aborto é uma questão de saúde pública” (2:41-2:52). Tenta-se trazer o que assiste, para a pauta antiaborto e anti-desarmamento, ao contrastar amor e o ódio e usar o massacre de Realengo como escada retórica: “Por que tanto amor às crianças de Realengo e tanto ódio a centenas, milhares de crianças que todos os anos são abortadas, assassinadas cruel e friamente no nosso país?” (2:55-3:11).

Os favoráveis ao plebiscito se aproveitariam da comoção ou do “trem da alegria” (5:05), para insuflar duas ideias “perigosas”: a religião fanatiza, fala supostamente dirigida contra “nós cristãos católicos [...] que deveriam se converter e abraçar o pacifismo belíssimo do governo mundial, da ONU e da esquerda festiva” (4:34-4:52). A escrita, signo puro, não dá noção do timbre na voz e da glacial indiferença com o massacre. Não traz pesquisas sobre o impacto negativo do armamento da população, da criminalização do aborto e mantém um ar formal para com a dor de Realengo. Afirma: “o plebiscito é para tirar as armas legais das mãos dos brasileiros” (6:18-6:25.).

Ao fim, traz o catecismo da Igreja para diferenciar a posição eclesial contra guerras e armas da legítima defesa. Nações devem se desarmar, mas, o cidadão comum: “[...] se ele pode ou não ter armas para se defender dos criminosos não há pronunciamento papal a esse respeito” (22:50-22:57). Legítima defesa e ter ou não ter armas são situações diferentes, questões distintas²⁶. Ao final, o falangismo católico

²⁶ Sem poder aprofundar as questões sobre aborto e desarmamento, direi três coisas. Ciência e metafísica empatam quando o tema é o começo da vida. Resta, então, o argumento da saúde pública: milhares de

encaçapa em um só buraco duas lutas: contra o aborto e contra o desarmamento, ao custo de falácia, indiferença e erística.

A imagem de capa do vídeo ²⁷é interessante: em uma sala à meia luz, sentados, o presidente Ronald Reage e o Papa João Paulo II. Religião reacionária e política de direita andam mãos dadas. A ideia de marxismo cultural é um amontoado de signos (Marx, Engels, Gramsci, ONU, LBGTOIA+s e ONGS) que forma a figura de um diabo com tridente (ironia). Diz o guerreiro ilibado que, segundo eles, a sociedade injusta deve ser mudada por meio do poder criativo do mal: “Marx é [...] o secretário. Satanás na verdade é Hegel. Marx é somente o porta-voz. A força criativa do mal [...] do negativo. Faça o mal, produza o mal, destrua, e disto virá algo bom”, e emenda, “[...] é esse o princípio hegeliano [...]” (12:41-13:17). E continua: “Hegel vê que existe uma injustiça com o mal, com o negativo [...] o negativo foi demonizado [...] quando você exorciza e retira o negativo da vida das pessoas [...] você está criando [...] falta de vitalidade” (14:04-14:29). Em tom pedante: “Se vocês forem ler o Fausto de Goethe [...] numa das cenas iniciais, Mefistófeles, o demônio, aparece para Fausto e se identifica. [...]” (14:48-15:13). Uma breve pausa dramática: “E ele diz: ‘eu sou aquela força do mal que sempre produz vida’. [...] Marx passa da teoria hegeliana para uma práxis política em que matar, destruir, hostilizar a civilização, trazer abaixo a ordem, irá produzir uma ordem superior” (15:20-16:32). Ao final, ele apela à liberdade, signo usado pela ideologia de extrema-direita: “Você será um homem livre, terrivelmente livre, dramaticamente livre, perigosamente livre” (18:18-18:27). O mal e o negativo são distintos em filosofia e teologia (e suas correntes). Marx criticava a avaliação moral do capitalismo e as contestações baseadas nela, mas, para eles, há uma guerra cultural. Tudo é válido: “[...] *Aqui está [...] a grande batalha cultural, a grande guerra cultural, esta guerra cultural [...]*” (30:11-30:21, grifo meu). Pausa, retoma: “Marx, como profeta, foi um profeta pela metade. Por quê? Porque ele profetizava o futuro de uma sociedade justa, sem classes, aliás, sem governo, perfeita, o paraíso aqui na terra”, e emenda “só que ele previa que isto iria acontecer através de uma revolta dos trabalhadores. [...] ele sabia perfeitamente que isso não era

mulheres morrem anualmente porque criminaliza-se o aborto e não há acesso a procedimentos seguros. Por fim, armar a população aumenta acidentes, assassinatos, suicídio e abastece criminosos que roubam as armas.

²⁷ 2. Marxismo cultural e revolução cultural: visão histórica. [S.l.:s.n.], 2012. 1 vídeo (59:30 minutos). Publicado pelo canal Padre Paulo Ricardo. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=FJi7CugwzVw&t=16s>. Acesso em em 06 maio de 2022.

verdade, *ele inclusive falsificou os dados das pesquisas*, ele vivia na Inglaterra [...]” (32:22-33:05, grifo meu). Marx não falsificou dados, não previu, no sentido de profecia religiosa/mágica e fatalista. Não se sabe de onde o canal tirou essas informações, mas não foi da leitura atenta dos textos marxianos. Cita-se a utopia de um paraíso na terra. O cristianismo em suas origens desenvolveu ideias parecidas. Para o filósofo estadunidense Richard Rorty (S. d), dois dos maiores documentos da Civilização Ocidental, *O Manifesto Comunista*, de Marx e Engels e os *Evangelhos*, se lidos sem dogmatismo, mostram esperanças. Mas, o canal afirma: “[...] como é que você faz com que juristas e juízes do Supremo Tribunal Federal assinem uma sentença reconhecendo a união gay como um direito? [...]”. E continua: “[mas] não podemos oprimir os homossexuais, eles têm direitos. [...]”. Ironiza, “Você não tem vergonha? [...] Você prega o Deus da caridade, da tolerância, do amor, da fraternidade universal e depois quer excluir estes irmãozinhos? [...]”, demoniza: “Eles querem obter a destruição da família, porque para o pensamento marxista, a família é um valor burguês, é uma desgraça que deve ser destruída” (50:15-52:09). Denunciar uma ação destrutiva que usa os conceitos cristãos para tirar algo natural, não faz sentido. Aos “marxistas culturais”, se dá, não o amor e tolerância, conversa racional, mas enxofre fumegante. Ouve-se o chiado de carnes nas fogueiras inquisitoriais, risos, gritos lancinantes, rezas, choros, padres amorosos (ironia) atochando, no nariz dos quase-mortos, mortos, crucifixos.

O vídeo 3²⁸ traz a fala do padre reacionário na Comissão de Direitos Humanos e Minorias do Câmara. Presidida pelo pastor-deputado Marco Feliciano, a sessão de 30 de outubro de 2013, girou em torno da família, signo repetido *ad nauseam* pela infoesfera católica de extrema-direita. Haveria uma guerra contra o modelo familiar heterossexual voltado para a finalidade reprodutiva. Voz grave, empostação serena e empáfia. Diz-se que há uma guerra: “[...] acho que isso todos conseguem notar, estamos presenciando na nossa sociedade, na sociedade ocidental como um todo, a sistemática destruição da família” (0:17-0:30). Há supostos objetivos: “Meus senhores, eles são inteligentes, eles têm estratégia” (14:25-14:30).

Essa interpretação desreferencializa componentes históricos, filosóficos e teológicos. Tudo isto faz parte de um plano diabólico: Judith Butler, Simone de

²⁸ A família no centro da política. [S.l.:s.n.], 2013. 1 vídeo (28:10 minutos). Publicado pelo canal Padre Paulo Ricardo. Disponível em http://www.youtube.com/watch?v=u_6oSGUpGD8. Acesso em 07 de maio de 2022.

Beauvoir, Conferências do Cairo e de Pequim, o livro “A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado”, de Engels. Essa forma de articulação entre signo e sentido, mistura verdade, mentira, fantasia persecutória, tudo colado com a ideia de “conspiração internacional”, fantasma dos grupos que vivem fracassos, concreta ou imaginariamente, dentro e fora da Igreja. Sexo e papéis familiares são vistos como direito natural. Ele “denuncia” o conceito de gênero como estratégia para deseducar crianças e jovens, construir “sexualidade versátil”, de acordo com a bel-vontade individual. Essa fala não encontra amparo em nenhum estudo acadêmico reconhecido.

Para mudar essa situação, segundo esses canais, somente a guerra cristã, pois o mundo jaz sob o Maligno. A suposta verdade inexpugnável da qual são porta-vozes, leva-os a noções sectárias: ideias e práticas diferentes ou divergentes devem ser estripadas, extirpadas. Na visão do “marxismo cultural”, categoria de acusação por eles inventada, assim como ‘ideologia de gênero’, papéis tradicionais (pai, mãe, esposo, esposa, pais, filhos), segundo essa desleitura, devem ser abolidos porque seriam conceito burguês e opressor. Ele salta um oceano de perspectivas teóricas e processos históricos e critica feministas engajadas na luta pelos direitos das mulheres. Elas recebem o nome de “ideólogas”. Elas o são, mas ele, não, humilde cruzado católico, sem nenhum trabalho acadêmico sobre essas temáticas analisado e criticado por pares acadêmicos, reconhecido em revistas, universidades e comunidades científicas. A exposição chega ao Brasil, onde haveria projetos de escola integral para implantara dominação, caso não seja travada uma guerra, inclusive semântica, contra o uso do termo “gênero”. As minorias devem ser respeitadas, diz, mas, no jogo retórico, o sacerdote afirma: “não estou aqui como padre, [...] como pregador, [...] como ministro da palavra, como católico, [...] eu estou aqui como brasileiro, [...] que estudou essas coisas para dizer a outros brasileiros [...]” (25:15-25:31). Continua: “[...] essas pessoas dedicaram suas vidas, suas energias, suas carreiras, suas famílias, tudo o que elas são para destruição da família [...]” (25:31-25:39). Estudou onde, como, com quem, não diz. Diz estar como simples cidadão, mas não deixa a batina reacionária e, com ela, o afã de cruzado numa guerra santa.

O vídeo 4,²⁹ participa do moralismo rastaquera: “Afinal, é pecado usar roupas curtas ou colantes? Veja, para responder a essa pergunta nós temos em primeiro lugar

²⁹ É pecado usar roupas curtas ou colantes? [S.l.:s.n.], 2016, 1 vídeo (4:01 minutos). Publicado pelo canal

entender o que é a moral cristã” (0:02-0:14). A moral maior do cristianismo seria amar a Deus e ao próximo como a si mesmo. “Nós temos que amar...”. Daí o estapafúrdio: “Primeiro, vamos começar com o mais evidente: se você veste roupas sensuais, você está faltando com a caridade com o próximo porque está colocando o próximo em ocasião de pecado (0:30-0:42). Não adiantaria dizer que a maldade está no olhar do outro: “Isso é simplesmente falta de honestidade, você sabe muito bem [...]” (0:48-0:54). Mulheres usam muito mais roupas curtas e colantes que homens...A culpa é de Eva. Se o homem peca, a causa são elas. Alivia-se a culpa adâmica. Guarde-se, vista-se, ame-se. “O mundo que está aí é um mundo marcado pelo pecado original [...]” (1:41-1:43). A culpa pode ser vista como dinheiro (moeda) desse tipo de catolicismo, com ela se paga, se purga, mas, uns são mais culpados que outros, estes devem pagar, se esforçar e se castigar mais.

O vídeo 5³⁰, por ocasião do Sínodo da Amazônia, traz um cientista em uma longa palestra contra mudança climática, que é associada à esquerda e ao “comunismo”. A fala choca-se contra o consenso da comunidade científica e dos milhares de estudos acumulados. Almeja mostrar “o que a ciência sabe”(0:47-0:50): estudos, centros de pesquisa são reduzidos a mera conspiração.“[...]Nos últimos 420 mil anos do planeta Terra [...]sempre esteve quente ou frio” (1:05-1:16). As tendências para “os próximos 10, 15 anos que não é de aquecimento e sim de resfriamento” (1:26-1:36). Dos canais analisados, é dos poucos que apresenta alguma forma de razão, ainda que contestável, ultraminoritária e ideologicamente orientada. Aos modelos computacionais, opõe modelos físicos do clima. Das muitas glaciações, ao menos uma, a moderna espécie humana viveu (verdade): “o *homo sapiens* sem a tecnologia que temos hoje, conseguiu sobreviver, tanto assim que nós estamos aqui” (4:02-4:10). A próxima glaciação será daqui a 100 mil anos. “Se alguém estiver vivo, que procure resolver o problema no tempo devido” (8:48-8:56). *Ad nauseam*, tudo se reduz a duas ideias: toda alteração antiga, atual ou futura seguirá padrões naturais e o IPCC, maior órgão de estudos, cientistas, universidades, dados, um “[...] órgão terrorista climático [aplausos da plateia]” (10:59-

Padre Paulo Ricardo. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=BsSvFBXh0do&t=71s>. Acesso em 07 de maio de 2022.

³⁰ Farsa climática da esquerda desmascarada por cientista brasileiro – Prof. Molion quebra os mitos. [S.l.:s.n.], 2019, 1 vídeo (57:48 minutos). Publicado pelo canal Instituto Plínio Corrêa de Oliveira. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=zjXoX9kmwmk&t=21s>. Acesso em 08 de maio de 2022.

11:03) e a tese de mudança climática é de esquerda. A falácia está na articulação entre dados e signos verdadeiros (seu doutorado em Wisconsin, períodos históricos e gráficos) combinados com arranjo ideológico. Diz o canal: há impacto humano sobre o clima, mas não é significativo. Não é negacionismo, é pseudociência. A força de verdade vem do pensamento ideológico, ou seja, da mistura entre signos verdadeiros e um arranjo interpretativo insuficiente, errado, equivocado, ruim.

O sexto³¹ e sétimo³² vídeos versam sobre a sindemia de COVID-19 e seus impactos. O primeiro começa com sinal da cruz e oração. Em seguida: “foi proclamada uma pandemia e nem todo mundo pegou o vírus, eh, o novo Coronavírus, nem todo mundo está com COVID-19, mas o medo é o vírus mais poderoso que se espalhou e atingiu, digamos, a população mundial, de uma forma, assim, bastante democrática [...]” (0:44-1:15). A terrível doença biopolítica, que matou mais de 620 mil brasileiros e prejudicou milhões, cujos impactos socioeconômicos, variantes e mutações se prolongam e continua matando, é pretexto para exaltar o autocontrole diante de medos justos ou injustos: “para que nós sejamos senhores de nossas vidas [...] não vou entrar no mérito de qual tipo de medo está sendo infligido desde fora, que eles estão fazendo lá fora” (1:30-2:00, grifo meu). Se há língua bifurcada, dissimulada, melíflua, luciferina, parece ser esta. Infundável peroração sobre medo, formas de superá-lo pela fé: “o mais importante é o que eu estou fazendo aqui dentro, ou seja, dentro de mim” (2:00-2:07). Não fala sobre cuidados de saúde, nem pessoal e tampouco público.

O vídeo³³ seguinte é uma longa pregação em uma missa realizada em um evento semlo cal identificado. A fala do frei ligado ao carisma católico, cantor, pregador, animador, é sobre a reação do rei Herodes em relação ao nascimento de Jesus, mas logo desliza para política contemporânea. A des-hermenêutica fecha o quadro: “olha que interessante, não é de hoje que nossas autoridades civis têm o coração fechado para Deus. Olha onde o cristianismo nasceu” (3:36-3:53) e “não é de hoje que as autoridades

³¹ Pandemia do Medo. [S.l.:s.n.], 2020, 1 vídeo (47:54). Publicado pelo Canal Padre Paulo Ricardo Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=TdXKmp75GdI>. Acesso em 08 de maio de 2022.

³² Cuidado com os Herodes do nosso tempo. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=eqFeCHUwSIc> 1 vídeo (58:54 minutos). Publicado pelo canal Frei Gilson – Som do Monte. Acesso em 08 de maio de 2022.

³³ A quem você está entregando seus filhos? [S.l.:s.n.], 1 vídeo (1:39 minutos). Publicado pelo canal Padre Paulo Ricardo. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=sjy1c-M_Ws8. Acesso em 08 de maio de 2022.

civis perseguem a Igreja de Deus. [...] Na Coreia do Norte não se pode falar de Jesus, todos têm que adorar o rei, o presidente, a autoridade. [...] Já há países assim” (6:04-7:47). Um salto: “[...] eu estou falando de países católicos, estão se tornando pouco a pouco países ateus, países que nos evangelizaram [...] agora as autoridades civis não querem saber de Deus” (8:20-10:03). O padre enumera dois itens, duas coisas que nada têm a ver uma com outra. “Aí você fala, não, nosso Brasil está seguro, cuidado, você que pensa [...]” (10:43:-54). O estrambótico discurso continua: “hoje eu ainda posso usar as redes sociais e pregar à vontade, pode chegar um dia que alguma autoridade civil faça isso aqui, ó [gesto de dois dedos paralelos como tesoura], pá (11:16-11:28)”, e continua: “porque tudo está nas mãos deles. O YouTube não está nas mãos de cristãos que adoram o santíssimo sacramento, o Facebook não está nas mãos de quem é fiel a Deus é católico” (11:29-11:48). Nem poderia estar... Conclui: “[...] portanto, no dia que eles quiserem é só eles fazerem [gesto de tesoura cortando] assim e o poder de falar para milhões de pessoas pode se reduzir de novo, a um, duas, três pessoas” (11:55-12:11). Ele passa por cima de tantas distinções e trata iguais itens que são diferentes. A orientação ideológica, é clara: somos e seremos perseguidos pelas autoridades, somos os vitimados.

Vem mais: “nessa pandemia a gente já viu uma coisa assustadora, o Estado determinando para as igrejas fecharem” (12:18-12:35). Dá uma pausa, parece recuar, mas, emenda: “ou seja, não tô aqui dizendo se deve ou não deve fechar [...] o Estado se interferindo na autoridade da Igreja, porque o Estado não tem nada a ver com as normas da nossa igreja” (12:38-12:55). Com isso, não diz a verdade sobre a questão sanitária-social. A lengalenga segue uma toada comum aos vídeos e canais desse catolicismo claudicante, que é ade pegar o evangelho, falar um trecho, tomar o tempo presente e comentar politicamente. No vídeo em questão, por exemplo, o frei tomou Herodes e a matança das crianças e fez pirueta e disse que as autoridades que não têm Deus, querem poder e dão um jeito de matar quem se opõe. O clérigo-personagem ignora função, sentido e significado de algoritmo, capitalismo, governo, empresa, *compliance management*, SUS, agências regulatórias (ANVISA) e STF. Qualquer internauta pode denunciar, pelos canais da empresa-plataforma, *fakenews*, racismo, antivacina e remédio falso para COVID-19.

Em janeiro de 2021, mês da postagem do vídeo, milhares de brasileiros tinham morrido, outros tantos ainda iriam morrer e não acabou a mortandade até os dias que

seguem, vésperas do fato mais estarrecedor da sindemia, a crise de Manaus. Na madrugada do dia 14 de janeiro de 2021, o oxigênio acabou em hospitais públicos da capital do Amazonas, apesar de alertas e pedidos enviados ao Ministério da Saúde, então chefiado com um general, Pazuello. Cruelmente, pacientes com COVID-19 morreram asfixiados. Herodes, no plural, como alegoria, há, houve e a CPI da COVID-19 os identificou.

Por fim, o vídeo 8, anunciado com orgulho como o que abre os 16 anos de apostolado virtual, resume a ambiguidade do catolicismo clerical-reacionário de um lado, discurso racional-ideológico, misturado com pensamento mágico-mítico, mas só quando lhe aprouve, quando vai ao encontro de suas crenças; de outro, quando lhe desaprove, quando vai de encontro à suas crenças, rechaçam e deslegitimam escola, universidade, professores, educadores, racionalidade crítico-reflexiva. Diz: “Enquanto isso, você que trabalha de sol a sol, você que se acha uma pessoa honesta porque você se esforça, porque você trabalha, porque você se sacrifica, porque você está sofrendo” (0:05-0:15), o tom de voz é de indignação, quase soca a mesa.

Continua: “Você está sofrendo para o quê? Para entregar a alma de seus filhos para o diabo. Porque se você está pensando que o grande sonho de sua vida é pagar uma faculdade para seus filhos, onde seu filho vai aprender o quê?” (0:17-0:37). A carranca adunca dardeja: “A ser santo e sábio? Não, ele vai aprender comunismo, ele vai aprender ideologia de gênero, ele vai aprender revolução sexual, ele vai aprender aborto, cultura da morte” (0:36-0:51). Como é que se aprende aborto? Não entende nada de educação superior, não tem nenhuma pesquisa reconhecidas obre, mas fala como *Vox Dei*, pois ele não é portador dela, ele é ela. Continua sua inflamada pregação anti-intelectual: “É isso o que ele vai aprender na faculdade. Se você pensa, ponha a mão na consciência e se veja: o que é que você está fazendo? Você cristão honesto, você, católico, você que está suando sangue pelos seus filhos! [testa franzida, braço cruzado, raiva no tom de voz, punhos fechados, tremor][...]” (0:52-1:11). Continua: “você é virtuoso [soca a mesa], porque é assim que a pessoa normal se sente, ou seja, o católico médio das nossas paróquias, ele se sente virtuosíssimo quando ele faz isso!” (1:10-1:25). A voz dramática, os gestos histriônicos, anuncia: “Mas você está entregando os seus filhos a quê?” (1:28-1:32). Caso o transeunte digital queira, embaixo do vídeo, e de muitos outros, comercializa-se, pedem-se doações por PIX e conta bancária:

Esse trecho selecionado foi retirado da aula “Uma faculdade e um bom emprego bastam?”, que integra nosso curso “A Igreja e o Mundo Moderno”, exclusivo para assinantes. A aula completa está aberta para todos, SOMENTE HOJE. Assista pelo link: [...] APROVEITE nossa promoção de aniversário com 30% off: <https://padrepauloricardo.org/seja-aluno>

Diante da crise da COVID-19, da piora da fome, desemprego, destruição do meio-ambiente, armamento da população com aumento de acidentes fatais, não há, nesses canais e vídeos nenhuma palavra favorável ao uso de máscaras, vacinas, em apoio à ciência, nenhuma cobrança de medidas governamentais ou públicas para tratar da COVID-10, das famílias enlutadas ou sobre aqueles que desenvolvem sequelas crônicas. Não lideram campanhas de esclarecimento, caridade nos moldes tradicionais, que seja, tampouco conhecem fatos históricos da própria Tradição que, diante de doenças terríveis, tomou medidas severas. Alexandre VII (1599-1667), durante a peste que assolou Roma entre 1656-1657, implantou medidas de acordo com a piora do quadro (TOPI, 2017). Decretos suspenderam atividades comerciais no Reino de Nápoles, o acesso a Roma foi interditado, assim como templos e missas para tentar parar a transmissão do bacilo da peste, desconhecido naquele tempo. Segundo Topi (2017), a peste matou 55% da população da Sardenha, e 60% em Gênova e em Roma, menos de 8%. Houve recusa e apelos apocalípticos, mas esse papa e seus auxiliares interpretaram bem signos e símbolos. Para esses grupos de soldados zelosos, castos, convencidos, poderia ser dirigida a passagem de Mateus 21, 28-32, quando o Filho do Homem – bela expressão poético-mitológica – ao olhar doutores e sumos-sacerdotes gastando suas vidas e energias com minúcias mortas da lei, lhes disse: “em verdade vos digo, que os publicanos e as prostitutas vos precedem no Reino de Deus”. Mas ao modo de Rorty (s/d) e Geertz (1978), enxergo nessa passagem bíblica um sentido desdogmatizado. Recorro às linhas finais do clássico livro de Max Weber, *A ética protestante e o ‘espírito’ do capitalismo*: fulminante crítica aos ‘especialistas sem espírito, sensualistas sem coração, nulidades que imaginam ter atingido um nível de civilização nunca alcançado.

Considerações finais

Os canais-personagens participam de papéis bufões, tecem dramalhões, são histriônicos, sacripantas e santarrões avessos a críticas, que são encaradas como ofensas, passíveis de processos judiciais ou de ameaças à vida e à integridade de pesquisadores acadêmicos e adversários políticos, a depender do grupo, se mais

miliciano. Mais que pessoas reais em ações comuns, eles aparentem um estilo teatral, adaptado à subjetividade maquínica dos novos tempos e trazem, de um passado supostamente glorioso, a crença de que valores morais absoluto-eternos estão ameaçados de morte³⁴. Ao participar da guerra contra os supostos erros no parlamento, nas legislações, nas políticas públicas, na fala do Papa Francisco e da CNBB, os canais-personagens reconhecem por via negativa, a historicidade dos valores “eternos”, vontade soberana de Deus contra a qual nenhuma força pode se opor. Mas, eles, aparentemente, necessitam de esforço ferrenho para se manterem, ao menos, claudicantes.

O combate contra o *establishment* moderno poderia ser rebeldia e liberdade, mas não é, nem liberdade, nem rebeldia, é reacionarismo. Os olhos se põem em um passado inexistente, idealizado (“naquela época era assim...”). A ideia dos discursos é monotemática: o ataque orquestrado ao modelo judaico-cristão de família é feito por Hollywood, TV Globo, ONGs, Fundações Internacionais, Disney e biquínis. Os vídeos participam do clima apocalítico, taciturno e do desprezo da razão crítico-reflexiva, por um lado; mas, por outro, há pseudociência. Há interpretação boa e ruim, correta e incorreta, adequada e inadequada sobre os signos presentes na realidade social, econômica e cultural, mas esses grupos estão aquém de fazer uma ou outra.

A anulação do tempo-espaço, da historicidade, da complexidade dos contextos e de sua incomensurabilidade, é característica do pensamento mágico-mítico, casado com ideologia: a do poder pastoral. Anseiam mobilizar o rebanho-exército e ovelhas-soldados para uma ofensiva contra direitos socialmente conquistados por minorias. É recorrente o muxoxo reacionário contra o excesso de relativização, que nos levaria a um tempo em que não haveria verdade e onde qualquer coisa seria válida. Participam do fatalismo. Aos seus olhos, suas próprias falas são incorrigíveis, mas os erros são gritantes. O discurso é feito sem interlocução e sem interpelação racional e produz o efeito de verdade pelo simples fato de enunciar-se, ou seja, torna-se palavra mágica, a que cria a realidade, como se fosse dito *abracadabra*.

³⁴ Não poderei abordar aqui, mas existem lutas contra os efeitos do semiocapitalismo. A democracia participativa, com a luta coletiva pelo bem comum (natureza, educação, saúde), para forçar a abertura das plataformas ao escrutínio público de sindicatos e associações, justiça e pesquisa. Há táticas de burlar a máquina para suscitar reflexão, autocrítica, conjunção, leitura e pausa. É preciso pensar formas do maquínico não dominar o humano.

No mundo moderno, a moral cristã é mais uma moral, não mais a única, interpretada, portanto, como estrutura histórica que pode fenecer. Contra essa percepção, esses religiosos se insurgem. No mundo contemporâneo, as crises do semicapitalismo financeiro, ameaçam aprofundar ainda mais a desigualdade socioeconômica, o desespero dos cativos da terra, dos deserdados da vida e a destruição do meio-ambiente, o que faz surgir novas sindemias e piorar as existentes, como a de COVID-19. Eles oferecem como solução, a lengalenga do medo, da culpa, do pecado, pois tudo está traçado para a desgraça. Mas o resmungo ressentido transforma-se em vociferação nas redes digitais e nas ruas, dentro e fora da Igreja. Essas batinas e falanges leigas alimentam prática e fala de lideranças políticas de extrema-direita e respaldam sua tresloucada ação pública.

O objetivo do discurso não é fazer sentido, mas criar sensação de perigo, catástrofe, pânico, com aparência de calma racionalidade. Entre 2015 e 2022, os planos estaduais e municipais de educação foram atingidos pela carga de cavalaria dessa narrativa mítico-reacionária-apocalíptica. Grupos religiosos protestaram dentro dos espaços laicos do parlamento com rosários, imagens da Virgem, ajoelhados, bradando palavras de ordem. Em algumas cidades e estados, vereadores e deputados evangélicos, católicos e kardecistas se aliaram a grupos religiosos e conseguiram retirar a palavra gênero, proibi-la em documentos e destruir qualquer conversa racional sobre a importância da educação sexual. O reacionário olha a história, a vida, as famílias, a economia, a sociedade, o outrem, pelo espelho retrovisor. Mas, assusta-se. Ranhuras, concavidades, convexidades, devolvem a ele, um reflexo fantasmagórico, horrendo. Sua guerra digital é paranoica, persecutória, ressentida. Formam um *exército de Brancaleone* em luta contra quaisquer razões e práticas orientadas por horizontes utópicos de igualdade e esperança de um mundo melhor.

Referências

- BENJAMIM, Walter. *O capitalismo como religião*. São Paulo: Boitempo, 2015.
- BERARDI, Franco. *Asfixia: capitalismo financeiro e a insurreição da linguagem*. São Paulo: UBU, 2020.
- CALDEIRA, Rodrigo C.; DA SILVEIRA, Emerson J. Sena. Catholic Church and Conservative-Traditionalist Groups: the Struggle for the Monopoly of Brazilian Catholicism. *Contemporary Times. International Journal of Latin American Religions*, v. 6, 2021. p. 01-27.

CALDEIRA, Rodrigo C.; GAMA, Victor A. Cruzada pela família: os métodos de penetração no espaço público de um movimento católico (2008-2017). *REB. Revista Eclesiástica Brasileira*. Petrópolis: Vozes, v. 79, 2019. p. 571-590.

CAMURÇA, Marcelo Ayres; BRUM, Asher.; SILVEIRA, Emerson J. Sena. Todos os caminhos levam a Roma e a Casa Branca. Os fluxos da direita religiosa católica para o Brasil. *Ciencias Sociales y Religión / Ciências Sociais e Religião*, v. 23, 2021. p. 1-40.

COELHO, Allan da Silva. *Capitalismo como religião: Walter Benjamin e os teólogos da libertação*. São Paulo: Editora Recriar, 2021.

DA SILVEIRA, Emerson José Sena. Cuestión religiosa y política en Brasil: Pluralidad, biopolítica y conservadurismo. *Revista Rupturas*, v. 12, 2022. p. 47-81.

DANOWSKI, Deborah. *Negacionismos*. São Paulo: n-1, 2019.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: Nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1974.

GEERTZ, Clifford. Descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.

GHIRALDELLI, Paulo. *Semiocapitalismo*. Ibitinga: CEFA Editorial, 2022.

GOFFMAN, Erving. *A representação do Eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 2013.

HUFF JÚNIOR, A. Érico. Campo religioso brasileiro e história do tempo presente. *Cadernos CERU*. São Paulo: USP, v. 19, n. 2, 2008. p. 47-70.

IBRAHIM, César A. C. *Tempestade perfeita: o bolsonarismo e a sindemia de COVID-19 no Brasil*. São Paulo: Editora Contracorrente, 2021.

KREEFT, Peter. *How to win in the Culture War: a christian battle plan for a society in crisis*. London: IVP Books, 2002.

KREEFT, Peter. *Como vencer a guerra cultural. Um plano de batalha cristão para uma sociedade em crise*. Campinas: Editora Ecclesiae, 2011.

KREEFT, Peter. *How to destroy Western Civilization and other ideas from the cultural abyss*. San Francisco: Ignatius Press, 2021

LAZZARATO, Maurizio. *Fascismo ou revolução. O neoliberalismo em chave estratégica*. São Paulo: n-1 edições, 2019.

MARTINS, José de Souza. *Capitalismo e Tradicionalismo*. São Paulo: Pioneira Editora, 1975.

MARTINS, José de Souza. *O poder do atraso: Ensaios de Sociologia da História Lenta*. São Paulo: Editora Hucitec, 1994.

MARTINS, José de Souza. *O cativo da terra*. 9º ed. São Paulo: Contexto, 2010.

MAUÉS, R. Heraldo. *Padres, Pajés, Santos e Festas: catolicismo popular e controle eclesialístico*. Belém: CEJUP, 1995.

NEGRI, Tony; HARDT, Michael. *Assembly: a organização multidinária do comum*. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2018.

OLIVEIRA, Francisco de. *Brasil: uma biografia não-autorizada*. São Paulo: Boitempo, 2018.

PIERUCCI, Antônio F. A. As bases da nova direita. *Novos Estudos CEBRAP*. São Paulo: CEBRAP, n.19, dez. de 1987. p. 26-45.

PY, Fábio. *Padre Paulo Ricardo: trajetória política digital recente do agente ultracatólico do cristofascismo brasileiro*. *Tempo e Argumento*. Florianópolis: UDESC, v. 13, n. 34, set./dez. de 2021.

PY, Fábio. Bolsonaro's Brazilian Christofascism during the Easter period plagued by Covid-19. *International Journal of Latin American Religions*, v. 4, 2020. p. 318-334.

RORTY Richard. *As duas utopias*. São Paulo CEFA, S/d.

ROSADO NUNES, Maria. J.; BANDEIRA, Olívia; PEREIRA, Gisele. C. *A quem pertence o termo "católicas"?* Direito e mídia como arenas e estratégias do neoconservadorismo. *Plural*. São Paulo: USP, v. 28, n. 1, 2021. p. 17-49.

ROUSSO, Henry. L'histoire du temps présent, vingt ans après. *Bulletin de l'Institut d'Histoire du Temps Présent*, n. 75, juin 2000. p. 23-40.

ROUSSO, Hnery. *The Latest Catastrophe*. History, the Present, the Contemporarye. Chicago/London: University of Chicago Press, 2016.

PIERRE SANCHIS. Catolicismo, entre a tradição e modernidades. *Comunicações do ISER*. Rio de Janeiro: ISER, v. 44, 1993. p. 9-24.

TOPI, Luca. Forme di controllo in una città "appetata": Roma 1656-1657. *EuroStadium3w*, n. 44, luglio-settembre 2017. p. 25-53.

ZANOTTO, Gizele. "Paz de Cristo, no reino de Cristo": ideal teológico-político da Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP). *Revista Brasileira de História das Religiões*. Maringá: ANPUH, v. 16, 2013. p. 113-125.

WEBER, Max. *Metodologia das Ciências Sociais*. 5. ed. São Paulo: Cortez/Unicamp, 2016.

WINK, Georg. *Brazil, Land of the Past. The Ideological Roots of the New Right*. Cuernavaca/Morelos (México): Bibliotopía, 2021.

Recebido em 18/05/2022

Aceito para publicação em 29/05/2022